

A ESCRITA USADA POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES ATRAVÉS DA INTERNET. Karina Buttignon ¹, Arlete Cândido Monteiro Vieira ², Alan Ricardo de Sousa Araújo.³

FAPI – Faculdade de Pindamonhangaba/Rodovia Presidente Dutra, Km 99 - Caixa Postal: 1041 - Pindamonhangaba - SP, secretaria@fapi.br

Resumo - O objetivo deste artigo é discutir o surgimento do fenômeno denominado “internetês” e sua influência no ensino, no cotidiano e em sala de aula. Apresenta a comparação entre as maneiras de comunicação criadas pelos usuários, geralmente crianças e adolescentes que utilizam a *Internet* para expressar seus pensamentos, recorrendo a uma “escrita própria”, caracterizada por abreviações, gírias e simbologia. Pretende fazer um estudo qualitativo, sobre as conseqüências que permeiam o uso dessa forma de comunicação e sua influência na educação. As informações foram coletadas em entrevistas realizadas no período de fevereiro a julho de 2005 com usuários na *Internet* e em grande parte, produto de observação nos laboratórios da Escola Técnica Estadual “João Gomes de Araújo”, Pindamonhangaba-SP. A metodologia utilizada foi exploratória, descritiva e bibliográfica utilizando a pesquisa de campo como instrumento de pesquisa. Aborda as questões quanto à aplicação dessa nova forma de comunicação e sua conciliação com a ortografia formal. Sugere o professor como elemento conciliador e transformador e ainda a melhor preparação do profissional de educação para lidar com essa nova tendência de comunicação.

Palavras-chave: ensino, educação, escola, *Internet*, professores.

Área do Conhecimento: Educação

Introdução

A utilização maciça de computadores na comunicação entre pessoas e grupos de pessoas, fez surgir uma nova forma de diálogo, repleta de símbolos e convenções tão peculiares que afetam diretamente o correto uso clássico da escrita e dicção por parte desses indivíduos. A comunicação vem sendo explorada por meios tecnológicos, tais como: *Internet*, Rádio, Televisão, Telefone. Nota-se um avanço surpreendente em tais tecnologias, de modo que as pessoas conseguem acessos à essas formas de comunicação. De acordo com ALTENFELDE (2005), a comunicação deste século se caracterizará por três grandes vertentes:

1. A crescente expansão do suporte eletrônico. A comunicação vai deixando de ser escrita e passa a utilizar modernos instrumentos, como vídeos, sítios na *Internet* e nas intranets, boletins eletrônicos e multimídias.
2. A redução das fronteiras entre comunicação interna e externa, com ênfase na qualidade.
3. Ao predomínio da emotividade sobre a racionalidade. A comunicação tende a se tornar menos cinzenta e mais colorida.

O objetivo da pesquisa é discutir o fenômeno denominado “internetês, suas contribuições e implicações no ensino, uso cotidiano e sala de aula. Apresenta a comparação entre as maneiras de comunicação criadas pelos usuários, em sua grande maioria com idade entre 8 a 18 anos de ambos os sexos, que utilizam a *Internet* para interagir com uma comunidade específica ou publicamente, utilizando para isso uma “escrita própria”, e sugerir caminhos pedagógicos que permitam a conciliação dessas vertentes e

mecanismos junto à comunidade estudantil, respeitando seu uso, mas sem prejuízo para o correto aprendizado acadêmico. Os usuários alvo, da pesquisa de campo, foram alunos do curso técnico em informática, I, II e III ciclos, da escola técnica estadual “João Gomes de Araújo” de Pindamonhangaba-SP, observados entre fevereiro a julho de 2005, durante as aulas de regência da autora por representarem um grupo específico de utilizadores que tem como característica a constante mudança de comportamento, hábito e pensamento pois tem necessidade de auto-afirmação, por ter intelecto, caráter e ego ainda em formação.

A forma de comunicação utilizada por esses jovens gerou uma linguagem virtual de códigos e abreviações, com erros gramaticais e grafia aceita pelos interlocutores, como também esperados na comunicação *on-line*. Mas o problema é que na sala de aula não é correto que um aluno escreva uma redação ou mesmo faça uma prova com erros gramaticais, códigos e simbologias.

A necessidade de se comunicar de maneira rápida para expressar seu ponto de vista, faz com que o usuário encontre no “internetês” o dinamismo almejado, usando abreviaturas, gírias e simbologia. Nesse momento temos dois efeitos passíveis de estudo:

1. Criação de uma nova palavra, “neologismo”;
2. Mutilação da língua portuguesa.

Metodologia

As informações foram coletadas em entrevistas com usuários na *Internet*, em sites de bate-papo, e em grande parte, produto de observação nos

laboratórios de informática da escola ETEC João Gomes de Araújo em Pindamonhangaba- SP.

Discussão

Sempre que se trata de qualquer fenômeno, deve-se entender que seu surgimento foi promovido mediante um projeto previamente estudado e implementado, por necessidade de um grupo específico, ou simplesmente por geração espontânea. Em todos os casos o surgimento de uma linguagem simbolista foi exigido, para expressar opiniões e pensamentos.

1. Quando planejada, essa linguagem pode prever situações e fornecer o meio necessário para que o indivíduo se expresse a uma comunidade sem correr o risco de não ser entendido, pois todos utilizam a mesma simbologia. É o caso da linguagem utilizada nos operadores de rádio-px, ht's e comunicadores. A língua do "Q" foi criada para dar clareza e garantir o perfeito entendimento entre agentes de segurança: QAP = Atenção/Entendido, QPP = Ocorrência em andamento. Essa linguagem pode ter variações, de acordo grupo que a utiliza como no caso da linguagem PX dos caminhoneiros: "Turmalina" = esposa, "reco-reco nas costelas" = abraço. Nos dois casos a linguagem foi planejada.
2. Por necessidade, a linguagem agrega símbolos, palavras e expressões que servem para um refinamento na transmissão das idéias e pensamentos dos indivíduos, esses elementos podem ser muitas vezes tão peculiares a um grupo que somente são entendidos por esses usuários específicos. Nesse caso, a linguagem que surgiu como consequência de uma necessidade, pode ter sido previamente projetada, mas sofreu alterações e ajustes feitos por seus utilizadores para ser mais ágil e dinâmica. Um conjunto de palavras é alterado para se ajustar melhor as necessidades do usuário, até mesmo a redefinição de nomes de objetos e a utilização de apelidos são observados, como, por exemplo: "O Tchê" = o gaúcho, "O Paraíba" = um nordestino, "Bondão" = ônibus, "Belê" = status de uma situação positiva, "Deprê" = acróstico de depressão.
3. Quando por espontaneidade, se tem o caso em que nenhum princípio de projeto ou alteração foi implementado. Os usuários, sem nenhum tipo de convenção, utilizam determinados bordões e passam isso adiante até que esse conjunto de expressões e símbolos seja sintetizado e organizado para melhor entendimento. Muito freqüente nas gírias que podem ser regionais, e na adaptação de palavras de origem estrangeira

ao nosso cotidiano. Ex: "Sanduiche" = Sandwich; "Serv-Serv"= Self-service.

O "internetês" surgiu também de uma necessidade de expressão que foi se consolidando a medida que o usuário não encontrou na escrita convencional a mesma agilidade. Por exemplo: casa = ksa, muito = mto, beijos = bjos, não = naum e assim por diante. A abreviatura e a ausência de acentuação são largamente empregadas.

De acordo com o nível social, cultural, econômico e regional do usuário, a quantidade de símbolos e seu significado podem ser diferentes para os demais indivíduos que não pertençam a esse biótipo. Quando ocorre a interação entre dois biótipos diferentes, o entendimento fica comprometido; os interesses podem até serem os mesmos, mas a forma de se expressar não, segundo Nicola (1986):

"Dentro das fronteiras de um país, notadamente os de grande extensão territorial, percebe-se o uso regional do código lingüístico no emprego de certas palavras ou expressões, ou mesmo de certas construções gramaticais, que são típicas de uma determinada região".

De acordo com NICOLA (1986), a Figura 1 faz referência ao uso do regionalismo.



Figura 1 - Conversa de nordestino com um gaúcho.

Fonte: NICOLA (1986)

Já existem relatos de alunos que utilizam o "internetês" em suas redações escolares e trabalhos. A utilização desse tipo de escrita sem uma correta observância não promove o correto aprendizado da língua portuguesa e chega a provocar um retrocesso no aprendizado. Jovens e adolescentes aprendem a usar a *Internet* e freqüentam *chats*, *blogs* e *messengers*, quase que ao mesmo tempo em que são alfabetizados criando uma espécie de concorrência com o sadio aprendizado.

Os grandes projetos de ensino elaborados por especialistas de várias áreas para a implementação de métodos de aprendizagem mais eficientes, bem como o simples ato de transferência de informação que ocorre na sala de aula entre o professor e o aluno, também esbarram nessa barreira que se criou para o uso correto da língua portuguesa, visto que os jovens acabam utilizando a linguagem que é escrita na rede, no seu dia-a-dia como linguagem falada.

A utilização de um vocábulo não compartilhado por locutor e interlocutor, fatalmente provoca incompreensão nas partes. Uma vez detectado esse atrito, uma delas opta por declinar seu vocábulo em detrimento do correto entendimento.

Observe-se a seguinte frase se escrita:

“O blog é mtó maneiro, espero q vc baixe o mp3 inda hoje... falow ;-)”

“Aki vc pde manda msg p/ galera naboa naum pricisa di alvará veio”

A utilização de gírias (maneiro, naboa, alvará e veio), novas palavras (mp3, falow, blog), as abreviações (aki, msg, mto, vc) e até mesmo o erro (naum, pricisa, di, inda), são corriqueiros na comunicação que ocorre entre os interlocutores; necessariamente não estão verbalizando as palavras, e sim digitando-as, pois vocalicamente somente as gírias são perceptíveis.

A forma de comunicação utilizada por jovens e crianças gerou uma linguagem virtual através de códigos, abreviações, com erros gramaticais, de letras maiúsculas e grafia, aceitáveis pelos interlocutores, como também esperados na comunicação *on-line*, mas o problema é que na sala de aula não é correto que um aluno escreva uma redação ou mesmo faça uma prova com erros gramaticais, códigos e simbologias.

O papel da escola é fazer uso da escrita formal ou a norma culta, pois os alunos são preparados a todo o momento para o convívio social com indivíduos que não utilizam ou conhecem esse novo vocábulo e também para o mercado de trabalho, que faz uma rígida seleção dos candidatos, sendo que a capacidade de comunicação muitas vezes é fator eliminatório para a ocupação de determinados cargos, vestibulares, testes diversos e esses, sempre utilizam as regras gramaticais na sua forma oficial.

Segundo Grespan (2005), o professor Sérgio Nogueira - que apresenta um programa na TV sobre língua portuguesa no canal SBT, lembra que há sempre várias formas de linguagem, afirma que todas são válidas, desde que no seu devido lugar. É natural que a juventude, criativa como ela é, crie suas marcas. Cabe à escola, no entanto, ensinar a língua padrão, que é a que esses jovens vão precisar para trabalhar ou para fazer concursos. É por isso que o professor deve conhecer essa nova linguagem.

Resultados

O conhecimento sobre essa “nova linguagem” confere ao profissional de educação a qualificação necessária para orientar o aluno quanto ao seu correto uso. Sempre será usado, em sala de aula, um tipo de escrita formal, mas o direito de usar uma forma de comunicação nitidamente mais ágil também deve ser levado em consideração, pois a língua escrita e falada é um organismo vivo e em constante mudança, se adapta e se transmuta

para atender às necessidades do indivíduo a qualquer tempo.

Para isso é essencial que os professores se atualizem. É fundamental conhecimento em informática básica e principalmente dominar as ferramentas de navegação para *Internet*, além de conhecer vários aplicativos destinados as diversas tarefas que são do cotidiano desses usuários como: tocadores de mp3, gravadores de cd, dvd, programas de fotografia digital e inclusive saber até mesmo operar celulares com câmera digital embutida, que são a sensação do momento para os usuários que tem *photoblogs*.

O papel o professor diante dessa “nova linguagem” é propor uma conciliação, aplicando exercícios didáticos, envolvendo o aluno em pesquisas manuais e on-line, mostrando e aplicando todos os recursos disponíveis em busca do conhecimento. Podem-se destacar alguns exemplos, para exercitar os alunos, quanto à junção e ou comparação do uso das linguagens aplicadas em sala de aula em relação às linguagens aplicadas na *Internet*:

1. Exercitar pesquisas de trabalhos manuais e usando a *Internet*: o professor deve incentivar o aluno a conhecer a biblioteca da escola e até mesmo as bibliotecas municipais; orientar pesquisas; anotar e resumir qualquer assunto de maneira manuscrita.
2. Ensinar o aluno a pesquisar na *Internet*; para isso, o professor deve conhecer os métodos mais eficazes de pesquisa, mostrando a melhor forma de buscar os resultados.
3. Leituras de livros em sala de aula, notícias e documentos on-line: incentivar a leitura de livros, revistas e jornais em sala de aula, para que o aluno exercite a leitura e a memorização. O incentivo a reuniões para a discussão de temas de ordem pública, fatos ou notícias bem como posterior criação de resumo ou matéria explanando esses entendimentos, inclusive em formato digital para acervo é também um exercício de conhecimento e cidadania, pois leva o aluno a uma reflexão filosófica dos fatos, força-o a utilização e prática da língua portuguesa formal e estende essas duas correntes à sua comunidade digital que lê o material criado e opina a respeito, gerando replicas e trélicas a respeito.
4. Incentivo à redação escolar e sua divulgação na *Internet*: aplicar exercícios de técnicas de redações manuais e, também, criar, listas de discussões na *Internet*, para exercitar a mesma forma de escrita.
5. Exigir trabalhos escolares manuscritos e digitados: o professor deve exigir dos seus alunos trabalhos manuscritos. Forçando o aluno a entregar seus trabalhos em formato manuscrito, promove-se uma quebra no

círculo vicioso das cópias que geralmente são feitas do trabalho de alunos mais aplicados. Vários fatores concorrem beneficemente para esse recurso: melhora no emprego gramatical; caligrafia mais aprimorada; senso de estética; entendimento do assunto. Obviamente, sugere-se que apenas uma parte do material de trabalho seja elaborado com manuscritos. E principalmente que esse recurso não seja utilizado no sentido punitivo do aluno, ele deve vir para corroborar o conhecimento e não para se tornar vilão.

É importante a escola acrescentar, nos seus planos escolares, o uso de computadores conectados com a *Internet* durante as aulas, para que o professor consiga transferir para os alunos conhecimentos necessários, onde eles possam perceber a importância de uma escrita correta, pois será imprescindível na sua carreira profissional e até mesmo no dia-a-dia. Para que isso aconteça, terá que existir o bom senso da administração escolar, junto com as autoridades competentes, para se conscientizarem que inclusão digital é questão de sobrevivência comercial e cotidiana e até mesmo de alfabetização.

As informatizações das escolas por parte de seus provedores querem sejam públicas ou privadas, promove a inclusão de indivíduos dos mais diversos nichos sociais, permitindo o desenvolvimento intelectual e aprimorando o convívio social.

Conclusão

Há conciliação do caderno e lápis com o computador e *Internet*. O momento é propício a isso. Vivemos numa era na qual a informação deixou de ser exclusividade de poucos, para se tornar elemento crucial para formação de indivíduos responsáveis com e para a sociedade. Esse indivíduo que outrora já passou pelas fases de infância e adolescência chega à maturidade, com o poder de mudar rapidamente hábitos e costumes. Mas, para isso, é latente a necessidade de que lhe seja dada toda a infra-estrutura para seu amplo desenvolvimento como pessoa e cidadão socialmente produtivo.

A questão quanto à utilização do “internetês” ou não em nossa sociedade se torna irrelevante; independentemente de se querer ou não, ele é empregado por jovens das mais variadas classes sócio-econômicas e regionais que, através da *Internet*, integram essa vasta teia de expressões que compõem o “internetês”.

Deve-se considerar que a própria língua se modifica para atender às necessidades dos indivíduos que a usam. Se isso é fato, podemos dizer que, o “internetês” pode ser absorvido pela língua portuguesa.

As sugestões pedagógicas aqui apresentadas se prestam a conciliar ou pelo menos diminuir o atrito existente entre dois tipos de indivíduos: os inflexíveis que insistem no correto emprego da língua e os liberais que utilizam principalmente de forma escrita, uma outra forma de expressar, sem se preocuparem muito com as regras de ortografia.

Referências

ALTENFELDE, Ruy. *Comunicação na era moderna*. 2005. Disponível em: <http://www.agr.feis.unesp.br/fsp06012005.php>. Acesso em: 23 ago. 2005.

CYBERMOVIE. *Globo Sat*. Disponível em: <http://globosat.globo.com/teleci-ne/cybermovie/home.htm>. Acesso em: 22 jul. 2005.

GRESPLAN, Jorge. *O contra-ataque dos intelectuais*. Assessoria de Comunicação e Imprensa-UNICAMP. Abril de 2005. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/clippi ng/abril2005/clipping050424_folha.html. Acesso em: 23 ago. 2005.

NICOLA, José. *Língua, Literatura & Redação*. São Paulo: Editora Scipione, Volume 1, Quinta edição, 09-14, 1986.